

**BRINQUEDOTECAS HOSPITALARES: PERSPECTIVAS DOS
PROFISSIONAIS DE SAÚDE**

**BRINQUEDOTECAS EN HOSPITALES: CREENCIAS DE PROFESIONALES
DE LA SALUD**

Andressa Moreira Hazboun ¹,

Priscilla Cristhina Bezerra de Araújo ²,

Heloísa Karmelina Carvalho de Sousa ³,

Juliana Medeiros Freire da Costa Mafra ⁴,

Luciana Carla Barbosa de Oliveira ⁵,

Eulália Maria Chaves Maia ⁶.

1, 2, 3, 4 – Discente do curso de Psicologia. Grupo de Estudos: Psicologia e Saúde; Departamento de Psicologia; Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

5 – Doutora em Ciências da Saúde. Grupo de Estudos: Psicologia e Saúde; Hospital de Pediatria Prof. Heriberto Bezerra; Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

6 - Docente do curso de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde; Grupo de Estudos: Psicologia e Saúde; Departamento de Psicologia; Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:

Att. Profa. Dra. Eulália Maria Chaves Maia. Rua Seridó, no. 754. 9º. Andar. Petrópolis.
59020-010. Natal - RN/Brasil. Tel: (55) (84) 3202 2886. emcmaia@ufrnet.br;
lucianacarla.psi@hotmail.com

RESUMO

Os profissionais de saúde enfrentam cotidianamente exigências, tensão constante e grandes cargas de trabalho. Na pediatria, lidam ainda com um contexto de crise situacional para o paciente, que pode responder com reações de choro, agressividade, apatia, distúrbios na alimentação ou no sono. Nessa realidade, o brincar adquire significância especial, sendo o brinquedo o principal recurso terapêutico e expressivo da criança e, a brinquedoteca, o espaço privilegiado do lúdico. No campo da atenção terciária, não se sabe que lugar ocupam essas atividades que primam pela saúde psíquica e bem-estar do paciente, promovendo ainda um elo criança-equipe e ressignificando o ambiente. Considerando que o sistema de crenças dos profissionais influencia na forma de lidar com o brincar no hospital, objetiva-se compreender os significados que os mesmos atribuem à ludicidade no contexto de dois hospitais pediátricos universitários referência no RN. Utiliza-se como instrumento o termo de consentimento livre e esclarecido e uma entrevista semi-estruturada. Atualmente, há 95% da amostra coletada, cuja maioria (69,8%) é do setor de enfermagem (auxiliares, técnicos e enfermeiros). Os participantes consideraram a brinquedoteca como importante ou muito importante e a maioria (97,4%) avaliou positivamente (bom ou ótimo) as atividades realizadas nesses espaços nos hospitais em que trabalham. Houve indicativos em favor da multidisciplinaridade nas brinquedotecas, citando-se majoritariamente a inserção de psicólogos (96,1%), assistentes sociais (72,4%) e pedagogos (78,9%). Através dos discursos, pôde-se explorar questões sobre a função da brinquedoteca e do brincar para recuperação da criança internada, possibilitando conhecer crenças que fazem parte do universo desses profissionais de saúde.

Palavras chaves: Pediatria; Lúdico; Hospitais; Psicologia; Profissionais.

RESÚMEN

Los profesionales de la salud se enfrentan a diario las demandas, la tensión constante y gran volumen de trabajo. En pediatría, sigue ocupándose de la situación de una situación de crisis para el paciente, quien puede responder con reacciones de llanto, la agresión, apatía, alteraciones en los alimentos o en reposo. En esta realidad, la obra adquiere un significado especial, por ser el juguete de los principales recursos terapéuticos y expresiva del niño y la brinquedoteca, el espacio privilegiado de la lúdica. En el ámbito de la atención terciaria, no sabe que un rango que actividades de las que prevalecen para la salud y el bienestar psicológico del paciente y también un vínculo niño-resignified equipo y el medio ambiente. Considerando que el sistema de creencias influencia de los profesionales en relación con la obra en el hospital, tiene como objetivo comprender los significados que atribuyen a desempeñar en el contexto de dos hospitales universitarios de referencia pediátrica en los recién nacidos. Se utiliza como un instrumento de la expresión libre e informado consentimiento y una entrevista semi-estructurada. Actualmente, alrededor del 95% de la muestra recogida, la mayoría (69,8%) es la rama de actividad de enfermería (auxiliares, técnicos y enfermeras). Los participantes consideraron que la brinquedoteca como importante o muy importante y la mayoría (97,4%) evaluados positivamente (bien o muy bien) las actividades en estas áreas en los hospitales donde trabajan. Hubo indicaciones en favor de la multidisciplinarios en brinquedotecas, citando principalmente es la inclusión de los psicólogos (96,1%), los trabajadores sociales (72,4%) y profesores (78,9%). A través de los discursos, es posible explorar las preguntas sobre el papel de brinquedoteca y jugar para la recuperación de los niños hospitalizados, lo que permite conocer las creencias que forman parte del universo de profesionales de la salud.

Palabras claves: Pediatría; Lúdico; Hospitales; Psicología; Profesionales.

INTRODUÇÃO

Os profissionais de saúde enfrentam cotidianamente várias dificuldades como fortes pressões, tensão constante e grandes cargas de trabalho. Mais especificamente os funcionários que trabalham em enfermarias lidam ainda, com problemas de nível secundário e terciário, acarretando em períodos diurnos intensos, maior exigência na atenção ao paciente e vigilância constante, requerendo sempre algum tipo de intervenção (avaliações, prescrições, urgências, exames, entre outras medidas) ⁽¹⁾.

Comumente, o profissional que trabalha em instituições de saúde lida com as ansiedades dos pacientes (sejam crianças, adolescentes, adultos ou idosos) oriundas do processo de internação hospitalar.

O hospital configura-se como um ambiente hostil, asséptico, onde há pessoas enfermas deitadas em seus leitos e outras desconhecidas circulando. Um lugar com regras específicas, que “impõem” um comportamento passivo do sujeito acometido de enfermidade e submetido a procedimentos invasivos e dolorosos, restrições, dor e sofrimento ^(2,3,4,5).

Na infância, o processo do adoecer aliado à hospitalização pode ser considerado como uma situação potencialmente traumática, colaborando para o surgimento do stress ^(2,3). Essa situação torna a criança vulnerável, podendo agravar ainda mais o quadro da doença ou ocasionar danos emocionais. Além disso, em virtude de mecanismos de adaptação e percepção, (ainda não totalmente desenvolvidos), o paciente pode fantasiar acerca da doença, entendendo-a como castigo, significando a hospitalização como um dano corporal ou uma agressão ^(4,5).

O profissional que trabalha em um hospital pediátrico presencia o sofrimento da criança enferma, sofrimento esse, ocasionado não somente pelo fator doença, mas muitas vezes também pela ruptura do convívio familiar e perda de referências. Há não

somente o sentimento de abandono, mas também o temor ao novo (profissionais, situação e ambiente) ^(2,4,8).

Nessa realidade em que a criança encontra-se inserida, o brincar adquire significância especial, sendo o brinquedo a principal ferramenta terapêutica, podendo integrar sistematicamente a assistência à criança hospitalizada ^(4, 7). Esse recurso vem funcionar como estratégia para enfrentamento das condições estressantes, tanto pela criança, quanto pelos profissionais do hospital ante as adversidades da hospitalização.

O brincar possibilita à criança expressar-se, elaborar angústias e medos, melhorar sua auto-estima e ressignificar o ambiente em que se encontra, aproximando-o de uma realidade conhecida pela mesma ^(4, 5, 6). A utilização dos recursos lúdicos potencializa o processo de recuperação da capacidade de adaptação do paciente, atendendo às instancias cognitivo e emocional, não somente atenuando o evento traumático, mas promovendo a saúde biopsicosocial, possibilitando à criança apreender novos conteúdos e obter mais benefícios que malefícios ^(2,4).

Considerar a criança em sua singularidade, de forma integral, disponibilizando recursos que ela possa dominar para expressar-se, vivenciar e elaborar a situação de hospitalização e doença, fazem do brincar um recurso (lúdico, educativo e terapêutico) viável e adequado, que deve ser incentivado pelas instituições ^(3,5).

Felizmente, no Brasil, observam-se avanços nesse sentido, como, por exemplo, a implementação da Política Nacional de Humanização – PNH (2004), que busca definir propostas e estratégias para garantir o resgate ao respeito pela vida humana, em seus diversos aspectos: social, psicológico, biológico, ético, educacional e cultural; abrangendo a garantia de direitos dos diversos atores que compõe o cenário da assistência hospitalar, a saber, profissionais de saúde, gestão, comunidade e usuários ⁽⁹⁾. A tentativa de humanização dos atendimentos nos hospitais pediátricos ganhou outro

impulso com a obrigatoriedade (Lei nº 11.104, de 21/03/2005) da instalação de brinquedotecas em unidades de saúde de regime de internação. A referida lei declara a necessidade de um espaço provido com brinquedos e com jogos de caráter educativo, destinados a estimular os pacientes (crianças e seus acompanhantes) a brincar ⁽⁴⁾. Esse espaço possibilita um ambiente que, dentro do hospital, é reconhecido pela criança de forma positiva, transmitindo familiaridade e acolhimento, bem como potencializando a continuidade do processo de crescimento através da exploração do ambiente. O contato com os brinquedos e atividades programadas, possibilita aos pacientes tornarem-se participantes ativos do processo de reabilitação, facilitando a aceitação da situação hospitalização, a adesão ao tratamento e a confiança na equipe de saúde ^(10,11,12).

Nesse sentido, a brinquedoteca surge como um espaço privilegiado ao lúdico, refletindo em uma atenção ao bem-estar global da criança como tentativa de contribuir para uma vivência menos traumática possível, proporcionando uma maior confiança nos pacientes e familiares e assim como ressignificação positiva do ambiente hospitalar. Tais fatores vêm a viabilizar condições favoráveis à reabilitação dos efeitos de experiências adversas ao desenvolvimento do infantil ^(4,7).

O brincar no hospital configura-se como um espaço terapêutico que possibilita a continuidade do desenvolvimento infantil, oferecendo, ainda, recursos para que a criança possa elaborar melhor esse momento específico de internação ⁽²⁾. O brinquedo se veicula como o principal recurso estimulante, divertido, e que possibilita calma e segurança; é através dele que a criança internada vai poder recriar, amenizar o sofrimento inerente ao processo de hospitalização e do adoecer, favorecer a comunicação com a equipe de saúde, com os familiares e/ou acompanhante, e a expressão dos sentimentos e angústias ⁽⁵⁾.

Entretanto, a promoção do brincar em ambientes hospitalares é uma mudança que, como muitas, gera resistências na equipe de saúde. No campo da atenção terciária, é importante questionar o espaço ocupado por essas atividades que primam pela saúde psíquica e bem-estar do paciente, promovendo ainda um elo criança-equipe. Conhecer as crenças dos profissionais acerca da ludicidade nos hospitais e nas suas práticas pode ser o caminho para conhecer a forma como lidam com essas atividades ⁽²⁾.

Diante do arcabouço teórico favorável e da promulgação da lei referente a tal temática, surgiu a necessidade de averiguar que lugar ocupa no imaginário da equipe de assistência à saúde o recurso lúdico, diante da complexidade da rotina hospitalar no setor de enfermagem, investigando ainda a importância dada a esse espaço e o modo que os profissionais locados nas instituições investigadas concebem as possibilidades sua própria inserção em temáticas dessa natureza. Perante o exposto, o presente estudo objetiva compreender os significados que os profissionais de saúde atribuem à ludicidade no contexto de dois hospitais pediátricos universitários referência no Rio Grande do Norte (RN).

MATERIAS E MÉTODOS

A pesquisa trata-se de um estudo exploratório, quantitativo e qualitativo de corte transversal. Para a realização dessa investigação foram entrevistados profissionais de saúde tanto de nível técnico (técnicos de enfermagem) como superior (assistentes sociais, enfermeiros, médicos e nutricionistas) atuantes em dois hospitais de pequeno/médio porte do Rio Grande do Norte (RN): Hospital de Pediatria Professor Heriberto Bezerra (HOSPED), localizado no município de Natal; e Hospital Universitário Ana Bezerra (HUAB), locado em Santa Cruz.

Os critérios de inclusão foram: disponibilidade para responder o questionário, estar vinculado funcionalmente há no mínimo seis meses como profissional na instituição e atuar no setor de enfermagem, visto que é o local onde estão situadas as brinquedotecas. Os profissionais que não corresponderam a esses critérios foram excluídos da amostra. Os hospitais foram escolhidos por serem referência no atendimento infantil no RN e por estarem localizados em duas realidades específicas, sendo o HOSPED, na capital do estado, e o HUAB no interior.

A Pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) em cumprimento à Resolução N° 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/BRASIL.

Como instrumentos utilizou-se o termo de consentimento livre e esclarecido e uma entrevista semi-estruturada, dividida em duas partes, a primeira contendo os dados sócio-demográficos, abordando dados pessoais e profissionais, e uma segunda parte, abrangendo questões direcionadas ao lúdico e a criança hospitalizada. A aplicação ocorreu de maneira individual, no próprio local de trabalho, desde maio de 2008, computando até o momento 95% da amostra total.

A análise dos dados quantitativos foi realizada pelo programa estatístico SPSS (*Statistical Package for Social Science for Windows*, versão 12.0) e no concernente aos dados qualitativos foi feita análise de conteúdo seguindo os parâmetros de Bardin ⁽¹³⁾.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados obtidos foram organizados em dois grupos: um correspondente aos profissionais de saúde que fazem parte da equipe do HUAB e outro grupo, aos do HOSPED. Mas levando em consideração que a pesquisa ainda está em andamento, os dados foram analisados como um todo. Nesse contexto, foram abordados até o momento

76 sujeitos (95%): 40 entrevistados no HUAB (52,6% da amostra total), e 36 no HOSPED (47,4%).

Com relação ao sexo dos participantes, a frequência feminina foi de 40 sujeitos (52,6%), enquanto a masculina foi de 36 (47,4%), podendo-se assim, considerar uma equivalência entre os gêneros diante da pouca diferença numérica entre eles. A maioria dos profissionais é predominantemente católica (76,3%), casada (48,7%), possui dois filhos (34,2%) e encontra-se na faixa etária entre 35 a 45anos (42,1%).

No que concerne ao cargo e a função exercida por cada um dos profissionais abordados, destaca-se a predominância dos enfermeiros (22,4%), bem como os técnicos e auxiliares de enfermagem (47,4%), correspondendo a 53 sujeitos ao todo, correspondendo a 69,8% total da amostra. Os dados supracitados podem indicar uma percepção da brinquedoteca hospitalar do ponto de vista desse quadro específico de funcionários. Os outros profissionais entrevistados foram: médicos (17,1%), nutricionistas e assistentes sociais (cada um correspondendo a 6,6% da amostra).

Percebe-se a importância conferida à brinquedoteca no hospital pela incidência de respostas “importante” ou “muito importante” em mais da metade da amostra (76,3%). O valor positivo dado a esse espaço pode ser explicado pela predominância de profissionais da área de enfermagem na amostra, os quais estão constantemente inseridos na rotina da criança hospitalizada, possibilitando a percepção dos benefícios dos recursos lúdicos para a evolução da saúde do paciente. O restante da amostra classificou a brinquedoteca como pouco importante ou sem importância (23,6%).

Avaliando a brinquedoteca no hospital em que estavam inseridos, 94,4% dos profissionais entrevistados consideraram-na como ótima (71,1%) ou boa (26,3%), sendo que 2,6% do total dos funcionários avaliaram como muito ruim, o que pode evidenciar que a importância da brinquedoteca hospitalar está relacionada com a sua qualidade no

imaginário dos profissionais dos referidos hospitais universitários. Desses especialistas, 80,3% dizem conhecer as atividades exercidas na brinquedoteca hospitalar, enquanto 18,4% dizem não conhecer e 1,3% não responderam à questão. Os dados obtidos revelavam que apenas 80,3% da população conhece a brinquedoteca mas 97,3% fizeram afirmações de que é um espaço bom ou ótimo, esse fato leva a concluir que a avaliação foi realizada mesmo sem o conhecimento real do espaço, sugerindo assim, o que esse espaço significa para o imaginário desses profissionais.

Com relação à multidisciplinaridade nas brinquedotecas hospitalares, vários profissionais foram citados como importantes para compor o quadro multidisciplinar, sendo que os psicólogos foram lembrados por 96,1% dos sujeitos abordados, seguidos pelos pedagogos que foram apontados por 78,9%, assistentes sociais (72,4%), técnicos e auxiliares de enfermagem (69,7%), nutricionistas (52,6%), enfermeiros (48,7%) e médicos (46,1%). É interessante destacar que, apesar de não existirem profissionais da psicologia compondo a amostra, estes foram citados quase que de maneira unânime. Em contrapartida, os sujeitos da área de enfermagem não foram tão citados apesar de a maior parte da amostra corresponder a este quadro.

No que concerne aos dados qualitativos, a primeira questão abordou o significado que os profissionais atribuem à brinquedoteca. Em suas respostas predominou a idéia de um espaço adjetivado como educativo, de interação durante o período de internação. Embora essa questão não tenha se referido a uma brinquedoteca hospitalar especificamente, a maioria dos profissionais associou esse espaço à instituição hospitalar, provavelmente em virtude do local onde foi realizada a pesquisa (nas instituições onde os mesmos trabalhavam) ou do reconhecimento ampliado que obteve a brinquedoteca hospitalar com sua obrigatoriedade por lei ⁽⁷⁾.

Procurou-se investigar ainda, qual a função da brinquedoteca no hospital, na opinião dos sujeitos. Predominantemente a função desse espaço foi associada à recuperação das crianças hospitalizada, sendo então, o local onde existe brincadeiras e lazer, favorecendo desse modo, a diminuição do estresse e da própria doença.

Por fim, investigou-se quais atividades desenvolvidas no hospital, era de conhecimento dos profissionais. Majoritariamente, as atividades que os funcionários sabiam que eram desenvolvidas, diziam respeito à contação de histórias e a pintura de desenhos.

Diante dos resultados, percebeu-se que do ponto de vista dos profissionais a brinquedoteca no hospital é um espaço de importância relevante e foi avaliado de forma positiva nas instituições em que trabalham. A maioria disse ter conhecimento das atividades realizadas nesse espaço, citando como exemplos atividades de pintura/desenhos e contação de histórias, em sua maioria. Percebeu-se a idéia de multidisciplinaridade com a inserção de diversos profissionais diferentes nas atividades junto à brinquedoteca.

Entretanto, os profissionais da área de enfermagem, maior parte da amostra e menor incidência nessa questão, parecem não idéia da sua própria inserção nesse âmbito, o que surpreende, tendo em vista ser essa a área que mais tem contato com os pacientes, muitas vezes nas próprias brinquedotecas. A atuação desses profissionais, de acordo com estudos, quando voltada para ao brincar, pode favorecer a constituição de um relacionamento seguro e construtivo da criança com a equipe, em que a atuação se torna mais adequada favorecendo a criança a lidar melhor com as situações da hospitalização ⁽¹¹⁾.

A amostra conferiu à brinquedoteca um significado vinculado ao hospital e com funções educativas e de interação, porém essa conceituação é limitada, visto que o

brincar pode contribuir não só nos aspectos supracitados, mas também pode favorecer na recuperação do paciente como um todo, em que a criança poderá elaborar os medos e angústias, melhorando a auto-estima e até diminuindo o tempo de internação ^(4, 5, 6).

No que concerne à função, associada à recuperação das crianças através do lazer e das brincadeiras, com atenuação do estresse e da doença, demonstrou que os profissionais estão conscientes dos benefícios da brinquedoteca. No entanto, as atividades desenvolvidas mais citadas (pintura, desenho e contação de histórias), são atividades que não revelam o leque de possibilidades que existe no lúdico para a atuação do profissional que trabalha no hospital. Não foram aprofundadas questões que aludiam ao uso dessas ferramentas para o diagnóstico e tratamento, provavelmente por que exigem um conhecimento mais aprofundado da temática.

Para se produzir um impacto real, através da promoção do brincar no espaço da hospitalização, essa ação tem que ser estruturada e desenvolvida por profissionais inseridos nas equipes de saúde das instituições, envolvendo toda a instituição para que se construa gradativamente um modelo de atendimento capaz de contemplar a complexidade do adoecer e a singularidade de cada indivíduo. Para tanto, devem-se instituir políticas públicas voltadas para a saúde da criança que devem assegurar o aperfeiçoamento das intervenções técnicas, bem como promover a construção de conhecimentos multidisciplinares, buscando uma maior integralidade da assistência.

CONCLUSÃO

Tendo em vista a importância das brinquedotecas nos hospitais para a promoção da saúde e a recente implantação das mesmas nos hospitais por meio de leis, percebe-se um esforço no sentido de humanizar os atendimentos e garantir os direitos das crianças e adolescentes.

Todavia, o engajamento de toda equipe é fundamental para que esse intuito seja cumprido e para que a brinquedoteca não esteja dissociada do tratamento do paciente, transformando-se num depositário de brinquedos, um espaço limitado e que não atinja suas potencialidades. Para tanto, é preciso investigar que lugar que esse recurso lúdico ocupa no imaginário da equipe de assistência à saúde, sua importância, sentidos e quais as possibilidades que os mesmos percebem quanto a sua própria inserção nessas temáticas. Conhecer essas questões é um caminho para elaborar medidas adequadas para que essas políticas encontrem efetividade nas instituições hospitalares.

O estudo parece apontar, tendo em vista os dados até o momento analisados, uma abertura dos profissionais na medida em que vêem vantagens na presença de brinquedotecas e na possibilidade de uma atuação multiprofissional na mesma. Entretanto, a idéia de brinquedoteca ainda vem muito atrelada à concepção do “brincar por brincar”, restringindo a participação dos profissionais diante de outras funções desse espaço que podem ser disseminadas através de projetos e/ou estudos acerca do tema.

REFERÊNCIAS

1. Oliveira LCB, Maia EMC. Saúde Psíquica dos Profissionais de Saúde em Hospitais Públicos. *Rev. Salud Pública*. 2008; 10 (3): 405-413.
2. Mitre RM, Gomes R. A Promoção do Brincar no Contexto da Hospitalização Infantil Como Ação de Saúde. *Rev. Ciência & Saúde Coletiva*. 2004; 9 (1):147-154.
3. Oliveira SSG, Dias MGBB, Roazzi AO. O lúdico e suas implicações nas estratégias de regulação das emoções em crianças hospitalizadas. *Rev. Psicol. Reflex. Crit*. 2003; 16 (1): 1-13.
4. Carvalho AM, Begnis JG. Brincar em Unidades de Atendimento Pediátrico: aplicações e perspectivas. *Psicologia em estudo*. 2006; 11:109-117.

5. Enumo SRF, Motta AB. Brincar no Hospital: Estratégia de Enfrentamento da Hospitalização Infantil. Rev. Psicologia em Estudo, Maringá. 2004; 9 (1): 19-28.
6. Ribeiro CA, Angelo M. O significado da hospitalização para a criança pré-escolar: um modelo teórico. Rev Esc. Enferm. USP. 2005; 39 (4):391-400.
7. Quintana AM, Arpini DM, Pereira CRR, Santos MS. A vivência hospitalar no olhar da criança internada. Rev. Ciência, Cuidado e Saúde. 2007 (6): 000-001.
8. Santos MS. A vivência hospitalar no olhar da criança internada. Rev. Ciência, Cuidado e Saúde. 2007; 6: 000-001.
9. Ministério da Saúde. Política Nacional de Humanização. Humanizadas. Brasília: Ministério da Saúde do Brasil. 2006.
10. Mitre RMA; Romeu GA. Perspectiva dos profissionais de saúde sobre a promoção do brincar em hospitais. Rev. Ciênc. saúde coletiva. 2007; 12(5):1277-1284.
11. Fávero L, Dyniewicz AM, Spiller APM, Fernandes LA. A promoção do brincar no contexto da hospitalização infantil como ação de enfermagem: relato de experiência. Cogitare Enfermagem. 2007; 12 (4).
12. Oliveira, H. A enfermidade sob o olhar da criança hospitalizada. Caderno de Saúde Pública. 1993; 9 (3), 326-332.
13. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2002.

Agradecimentos: Aos Hospitais participantes do estudo, a Psicóloga Ariany Fernandes e ao Prof. João Carlos Alchieri.